

REVISTA do PROFESSOR

ORGAO DO CENTRO DO PROFESSORADO PAULISTA



MEAND

PROBLEMA QUE EXIGE SOLUÇÃO

O ENSINO PRIMÁRIO E O SEU ENTROSAMENTO COM O ENSINO SECUNDÁRIO

(Ver artigo anterior)

VICENTE PEIXOTO

Capital

Este é, sem dúvida, um problema para cuja solução devemos todos envidar os nossos melhores esforços e a nossa máxima boa vontade. É com esse intuito que venho apresentar um ligeiro e despretensioso sumário de um esquema que tracei sobre o momentoso assunto, certo, porém, de que cada um de cujos itens enumerados forneceria matéria para alentadas monografias. Vejamos:

1.º — a elaboração de um "plano diretor", com objetivo definido, que será, no caso, o entrelaçamento do ensino primário com o secundário, com início no jardim da infância e fim no 4.º ano ginásial.

Ainda há poucos dias, um dos mais prestigiosos jornais de São Paulo, tratando, nas suas "Notas e Informações", do problema do ensino no Brasil, escreveu o seguinte, que vem ilustrar este primeiro item do nosso esquema: "Planejar, a nosso ver, é distribuir recursos, oficializar escolas, amparar estabelecimentos merecedores desta regalia — é criar, em suma, condições que propiciem um movimento amplo e profundo de recuperação moral, cívica e pedagógica das escolas brasileiras. Plano, e não reformas ou "reforminhas", é o de que necessitamos". Assim conclui o "O Estado de São Paulo", o seu artigo intitulado "Plano e reforminha" da Educação."

É ainda a prof.^a d. Nair Lacerda quem, neste particular, nos comunica a sua agradável impressão, trazida dos Estados Unidos, no seguinte trecho de sua interessante entrevista à imprensa:

"O povo norte-americano tem duas características importantíssimas para a construção de um país, e que suprem muitas das suas deficiências no terreno do espírito e da cultura. Essas características são a capacidade de organizar e o espírito de previdência. Nada ali se entrega ao acaso, ao sabor do momento. Tudo é cuidadosamente planejado, medido, gizado, explicado, com detalhes que chegam a crisar os nervos de qualquer de nós, habituados que estamos à *meia palavra apenas*".

2.º — o cumprimento integral, por parte do Estado e dos municípios, do que preceita o Art. 169 da Constituição Federal, nos seguintes termos: "Anualmente, a União aplicará nunca menos de dez por cento, e os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, nunca menos de vinte por cento da renda resultante dos impostos, na manutenção e desenvolvimento do ensino".

3.º — como consequência disso, a *construção sistemática*, e sem desfalecimento, de prédios amplos e definitivos, dotados de tôdas as comodidades, não apenas para os alunos, mas também igualmente para os professores.

4.º — a *instalação* de serviços médico, dentário e de assistência alimentar, fixos ou ambulantes, em tôdas as escolas do Estado, isoladas ou agrupadas.

5.º — o fornecimento do mais completo e abundante material didático às escolas, para que os professores, inteiramente à vontade, em suas classes, possam desenvolver bem as suas aulas.

6.º — a *criação* de "caixas escolares", em tôdas as escolas, isoladas ou agrupadas.

7.º — a *fundação* das chamadas "Associações de Pais e Mestres", ou "Amigos da Escola", em todos os núcleos escolares do Estado.

8.º — a *instituição* de vencimentos "pro-labore" às substitutas efetivas que, fazendo prática de ensino, prestarem serviços nos grupos e escolas.

9.º — o *desdobramento* de cada classe de 1.º ano, em duas classes, no meio do ano, nos grupos escolares, uma de 1.º ano fraco e outra de 1.º ano forte, isto é, de alunos com promoção garantida para o 2.º ano. Esta medida se justifica por dois motivos, entre outros: a) — a possível recuperação de muitos alunos que encontram certas dificuldades na classe, aos quais, é sabido, as professoras já não dão muita atenção, nessa altura do ano letivo; b) — o afastamento de alunos já promovíveis, pelo seu bom aproveitamento das aulas, no semestre, de alunos que ainda estão exigindo das professoras atenção tôda especial.

10.º — a *atribuição* de cada classe de 1.º ano a duas professoras, quer sejam duas adjuntas, quer sejam uma adjunta e uma substituta efetiva ou duas substitutas efetivas.

11.º — a *seleção rigorosa* de professoras especializadas para as classes de 2.º ano, a meu ver, a classe-chave de todo o currículo escolar primário.

12.º — a *criação de classes* de jardim da infância, na base de uma para três ou quatro classes de 1.º ano, dos nossos grupos escolares. Eis o que nos diz, a respeito dessas classes, a professora que há pouco chegou dos Estados Unidos: "Desde o jardim da infância, verdadeiras jóias de gosto dentro das escolas primárias e abundantes ao ponto de terem tôda uma linha de profissionais, que cuidam exclusivamente da sua organização, até o fim da "senior high-school", que corresponde ao nosso ginásio, — vejam o entrelaçamento como é perfeito e bem planejado — a criança tem garantido seu curso, que aos pais não custa um centavo, havendo condução em ônibus próprios para todo aluno que resida a mais de uma milha do estabelecimento que frequenta".

Como ganharia em eficiência e rendimento, a nossa escola primária, se, antecedendo o seu curso, houvesse em nossos grupos escolares o que se convencionou chamar, e mui acertadamente, "jardim da infância", o "kindergarten", maravilhosa criação do imortal Froebel! Seria, por assim dizer, o primeiro entrelaçamento, isto é, o da escola pré-primária com a primária.

13.º — a *formação de grupos ou equipes* de professoras alfabetizadoras, por meio de cursos especiais, de simples aulas, ou de demonstrações de métodos e processos de ensino das primeiras letras, feitas por autores de cartilhas.

14.º — e agora chegamos a um dos pontos mais importantes da nossa tese — a *revisão dos programas de ensino*, primeiramente do ensino primário e, após, do ensino secundário, para que o entrelaçamento de um com o outro grau de ensino seja perfeito. Para isso proponho que se tome por base o programa de admissão ao ginásio, que, para os Estados, é imutável, porque federal, e, partindo dêle, em marcha à ré, descer ao programa de 1.º ano primário. Os dirigentes e as autoridades do ensino secundário também, tomando os programas de admissão, como ponto de partida, iriam, em escala ascendente, até ao 4.º ano ginásial. Viria, de-

pois, a seguir, o colégio, ou cursos pré-universitários e finalmente a Universidade.

Assim e só assim, com um plano diretor, em que, além desses muitos fatores seriam incluídos, com a colaboração patriótica e imprescindível de todos os expoentes e valores do magistério, a ascensão ao curso secundário e ao superior se faria, estejamos certos disso, sem tropeços, sem cansaço e sem os males que atualmente tanto nos tem afligido.

É verdade que, para a execução de semelhante "plano" as despesas subiriam a cifras bem maiores que as atuais, mas, como já disse o grande Rangel Pestana, "o que o Estado gasta com a instrução, não é despesa — é economia que ele faz".

Falando, em 1946, à turma de professores que se diplomaram pelo Instituto de Educação do Estado de Pernambuco, disse o Dr. Fernando Simões Barbosa, ilustre médico e educador daquele progressista Estado do Norte, no seu discurso de paraninfo, discurso que possuo, com honrosa dedicatória:

"Nas palavras que acabais de ouvir não existe um laivo sequer que, porventura, possa turvar a intenção de sempre preferir a verdade que, embora contundente, venha a corrigir e sanar, — ao engodo que, mistificando, ilude, corrompe e inutiliza. Não se trata de premeditada cultivação do pessimismo, debilitante e corrosivo que, diluindo o entusiasmo e a fé, enegrece a vida, tolhe a iniciativa, atalha o êxito e estorva o triunfo. Não tenho jeito, por temperamento e formação, para os pendores demagógicos de rebeldia e destruição. Muito ao invés disso, estou radicalmente persuadido das inexploradas possibilidades de nossa terra e da incomparável grandeza do seu futuro.

"Rui Barbosa, no eruditíssimo e famoso estudo "A lição dos números sobre a reforma do ensino", louvando-se em Thiers, traduziu, ao sabor do seu puro e insuperável estilo, o seguinte: "Não sei, nem quisera ser jamais detrator do meu tempo, nem do meu país. Não devemos desconsiderar nossa pátria perante o mundo, fazendo-a pior ou menos grande do que é; não devemos deprimir a época em que vivemos, porque seria desalentar os espíritos e as almas, o que cumpre evitar sempre. Mas não iludamos a nossa época, nem a nossa pátria: falemos-lhe a verdade.

"E verdade, continua o Dr. Simões Barbosa, não há, mais incisiva e premente, do que a sobre cuja indiscutível relevância e prevalência, laborara, anos a fio, Miguel Couto: — "No Brasil só há um problema nacional — a educação do povo". E mais: "A União só tem duas despesas sagradas — a defesa nacional e a cultura do povo; uma preserva o território, a outra o valoriza. São credores privilegiados do orçamento; as restantes hão de se comprimir dentro das sobras".

E conclui: "Pois bem. Que, com a União continuem as primeiras, na forma, aliás, do imperativo constitucional. Quanto a nós, na esfera de menores atribuições, fiquem as outras, a que caberá a primazia, reservados os sobejos aos demais encargos administrativos, como propusera Miguel Couto, mestre de medicina e de patriotismo".

Formulemos aqui os nossos melhores votos por que os brasileiros, com os olhos fitos na Pátria, superadas tôdas as dissensões pessoais, políticas, religiosas, de descendências raciais ou de nacionalidades, consigam traçar, dentro em breve, e não só traçar, mas cumprir, esse plano diretor, de que o Brasil tanto precisa, para resolver o seu problema máximo, que é o da instrução e educação do povo, ao qual ainda há pouco tempo, na Câmara Federal, o deputado Otávio Lobo chamou, com rara felicidade "o problema dos problemas".

DR. NOGUEIRA MARTINS

RECADO CARIOCA

RIO, 31 — Recebi carta de Pedral Sampaio, da Liga Paulista Contra a Tuberculose, falando-me do nosso comum amigo Nogueira Martins, um dos maiores beneméritos do Estado de São Paulo. Nogueira morreu na guerra. Na guerra contra a tuberculose. A sua saúde era precária porque ele a gastou absurdamente trabalhando sem cessar e sem medir consequências. "Nos últimos tempos, — diz-me Pedral, — a sua pressão chegara a 25." Mas quem tinha forças para o obrigar a parar? Ninguém. Era um dinamo teimoso!

Quando certa americana fez testamento em Santos a favor da Liga Contra a Tuberculose e outras associações paulistas de caridade, surgiu no Foro uma questão. A boa senhora morreu e uma revoada de urubus pousou no seu espólio, disposta a estraçalhá-lo. Eis o meu amigo Nogueira envolvido em magnas questões judiciais, — discutindo, lutando, arrazoando! A Liga acordara tarde. Os urubus já haviam afiado os bicos e as garras, combinado tudo para o banquete. Absolutamente certo da minha cooperação, sabendo que em hipótese alguma eu deixaria de ficar ao seu lado e ao lado de São Paulo, Nogueira Martins não me deu uma palavra, não me sugeriu nada, não me pediu para escrever uma linha. Às vezes pedia, — quando se tratava da Semana da Tuberculose, quando um fisiologista de nome visitava São Paulo ou quando a Liga se lançava em campanhas de divulgação sanitária. Desta feita, porém, silenciou. Ao declarar-me solidário com ele, declarou apenas: "Já o esperava."

Uma das maiores riquezas de São Paulo — o homem. Quantos homens salvou Nogueira Martins para São Paulo? Quantos milhares de crianças imunizou contra a peste branca? Em sua sala de trabalho havia um quadro negro repleto de anotações, de planos. Completamente cheio de garatujas de alto a baixo. Foi preservado. É hoje uma relíquia.

Nogueira Martins jamais visou à fortuna ou mesmo à glória. Visou apenas servir o seu semelhante. E assim ele se aproximou de Deus. Conforme disse o grande Robert Burns ("Winter Night").

"The heart benevolent and kind
The most resembles God."

Sofreu muitas ingratidões. Não porém da sua terra. São Paulo não são os contemporâneos, os donos da política, os milionários, os lordes da imprensa, da indústria ou do comércio. São Paulo é uma tradição em marcha de dignidade e de trabalho que tem quatrocentos anos vividos e quatrocentos mil para viver. Uma força que pessoa alguma individualmente representa. A obra gigantesca de Nogueira Martins incorporou-se à terra paulista. Faz hoje parte da sua glória. Ele teve adversários. Mas quem os não teve sendo grande? Ninguém.

GONDIN DA FONSECA

(Da "Folha da Manhã" de 3-9-54)

SISTEMAS DE EDUCAÇÃO

ENIO LEONIDIO GUELLI
Jundiaí, SP.

O problema da Educação, desde as mais remotas eras, tem merecido dos poderes administrativos o mais cuidado interesse.

Não nos preocupamos com os velhos sistemas e processos criados e empregados, dentro da civilização dos países que dominaram intelectualmente nas épocas clássicas, medieval e moderna, por isso que, com as grandes transformações políticas da fase contemporânea, transformando o homem-máquina em um ser-social, naturalmente os olhos tiveram de voltar-se para o infante e adolescente, dando-lhe educação capaz de torná-lo homem útil para a sociedade que irá constituir no futuro.

O sistema de Educação empregado nos diferentes países depende diretamente do sistema de governo que impera no mesmo. Todas as nações do mundo contemporâneo estão divididas em dois grupos de acordo com o seu regime governamental: países de domínio democrático, tendo por modelo os Estados Unidos da América do Norte, e os de domínio comunista, tendo por modelo a Rússia. Cada

país adota este ou aquele regime governamental, adotando-o às suas características próprias e interesses particulares.

O sucesso administrativo vai depender da formação integral do indivíduo, para que ele possa compreender os atos governamentais.

Entra então o fator Educação que outra coisa não é do que o "preparar o indivíduo para viver em sociedade". E tão difícil será "preparar o indivíduo" para obedecer cega e automaticamente ao governo nacional, como "preparar o indivíduo" para o gozo da liberdade plena tomando parte ativa na formação do governo nacional.

O povo brasileiro, desde 1889, com a proclamação da República, se enquadra no grupo dos países de ideais democráticos. Dissemos acima que o país adota a forma de governo, adaptando-a ao seu meio social; mas o Brasil ainda não pôde praticar a democracia plena, em virtude da falta de educação popular. Os indivíduos não estão preparados socialmente para gozar de uma liberdade integral; ou abusam dos seus direitos de liberdade, tornando-se prejudiciais à sociedade, ou vão buscar conselhos e obedecer cegamente ao superior hierárquico, "coronel", chefe político ou conhecido de maior visão.

O Brasil vem adotando os Estados Unidos da América do Norte por modelo, seja por motivo de dependência econômica ou seja porque ambos pertencem ao mesmo continente americano.

Nossa preocupação, portanto, em matéria de ensino, deve ser "preparar o brasileiro para viver no Brasil", concorrendo para tornar este país mais rico, mais adiantado, mais feliz.

É aqui que entra o sistema de escola ativa, pelo qual a criança deixa de ser elemento passivo de educação para tornar-se um colaborador, imperceptivelmente um auxiliar do mestre. Adquire dentro da classe a sua liberdade de ação. Deve tornar-se consciente dessa liberdade. Na classe não pode haver o trabalho do professor ou dos alunos, conforme a aula; mas, sempre o trabalho do professor e dos alunos, conjuntamente.

E para adaptar-se a escola ativa em nosso meio, existe o centro de interesse.

Com o emprêgo desse processo, estaremos nacionalizando a escola ativa. Estaremos trabalhando ativamente com as crianças, dentro de ambiente nosso, cuidando de nossas coisas e tornando nossas crianças capazes de constituir a nossa nacionalidade.

Segundo o grande e insigne mestre Miguel Couto, no Brasil só existe um problema que é o da Educação; e com a escola ativa, estaremos educando nossas crianças, na escola da vida, escola da natureza, escola do trabalho, escola da liberdade. Da vida, porque ensina a viver útil e eficientemente para a sociedade; da natureza, porque ensina a colher fatos, examinando-os e compreendendo-os; do trabalho, porque é o elemento ativo dentro de sua educação, e da liberdade, porque habitua à disciplina sem coação, formando-lhe a personalidade e emancipando-a por seu valor físico, moral e intelectual.

Com a divulgação do valor da escola ativa estaremos preparando terreno para que nossas crianças sejam mais felizes amanhã.

CABOCLO!

*Caboclo da minha terra!
Ao sertão que te desterra
Eu envio esta canção!
Que o som dolente, cantante,
Vá aclarar-te o semblante,
Vá encher-te o coração!*

*Nas matas virgens avanças,
Destramando as duras tranças,
Do cipó que prende e liga,
Vences com tua rudeza,
A força da natureza,
Para que o progresso siga.*

*Nas horas da Ave-Maria,
Em que a luz mais inebria,
Variando o quadro celeste,
Descansa o pobre matuto,
Na chapada ou sêro bruto,
No seu ranchinho campestre.*

*Regressa após o trabalho,
Seguindo o mais curto atalho,
Trazendo a enxada na mão,
Respeitoso, então, murmura,
Com humildade e brandura,
Da tarde, a doce oração.*

*Caboclo da minha terra!
Ao sertão que te desterra,
Eu envio esta canção!
Que o som dolente, cantante,
Vá aclarar-te o semblante,
Vá encher-te o coração!*

E. CAMARGO PENTEADO